

JOÃO AGUARDELA

megafone5

Música para uma nova tradição

"O MEU PRIMO SÓ FAZ UMA COISA DE CADA VEZ"

por Ricardo Alexandre

Eu tinha chegado não havia dois dias àquela terra onde o frio é mais frio mas o vinho é mais quente. Fica perto da grande cidade, mas estranhamente tão longe de tudo, como ficam todas as terras cujo nome não associamos à saída de qualquer lanço de auto-estrada. Recebeste-me com um abraço como só tu davas, nem muito forte nem muito fraco, mas tremendamente sentido e com uma envolvimento de gestos que eram teus, não podiam ser de outro nem de mais ninguém.

Recebeste-me com uma frase da qual ainda nos riríamos mais tarde, como nos ríamos tanto de tanta coisa que dava vontade de rir e até de chorar:

- Bemvindo ao CRAT, Centro de Recuperação Afectiva do Turvel!

Bem precisava de uma instituição assim, depois da francesa que conhecera um ano antes me ter deixado na merda no estranho auge de um amor secreto num Verão prolongado até ao final do ano, quando finalmente decidiu reatar com o primeiro homem que conhecera, que a queria em casa, afastada da profissão, só a pintar. Coisa francesa, portanto. Valerie decidira ceder às pressões da mãe. Coitada, cardíaca se bem que manipuladora até à exaustão. E para mais, o Pierre ainda era visita de casa e até sócio do pai dela. Grande estatuto para um ex. Rapidamente deixou de o ser. Ex. Passou a noivo. E eu lá levei o coice. Sem pestanejar. Também ia fazer o quê? Matar o estrangeiro? Não, nem pensar! Eu creio na revolução e amo este país mas nunca me deu para matar ninguém!

Que tenha um andar novo, foi o que desejei na altura. Mas nunca uma tragédia do tipo Olival à Graça...

Mas assim te apareci. Meio esfrangalhado. Com vontade de te contar tudo em pormenor. Estavas tu em pause na tua relação de vida, que nunca deixou de ser, fazendo agora o rewind, um play admirável e um rec invejado. O par mais perfeito que já conheci. Deliciosamente incorporando defeitos e virtudes mútuos.

Pois, foi no Turvel. Deste-me aí a ouvir, pela primeira vez, canções que nem sequer eram subterrâneas. Sabia que estavas há muito a criar algo diferente, mas nunca imaginei que soasse assim tão bem. Gostei à primeira. E gostei ainda mais à segunda, à terceira. Entranha-se sem se ter estranhado. Conversámos imenso sobre as nossas vidas, talvez mais sobre a minha atribulada existência sentimental, sobre música também.

Adormecemos tarde e tarde acordámos. Depois de um almoço meio improvisado - mesmo em tua casa, tinhas sempre o cuidado de perguntar se eu alinhava nisto ou naquilo para almoçar - fomos ao café, fumaste o cigarro e fomos ao encontro da oficina de um primo teu que eu não conhecia mas que, pelos vistos era a pessoa ideal, ou talvez a única disponível naquela terra de estrada para Algures, para resolver o problema no teu carro verde antigo, deliciosamente tipo banheira. Conversaste aí tipo meia hora com o tal primo que me perdoe mas cujo nome não recordo e saímos. Sem perguntas pelo que podia ele fazer pelo teu carro, muito menos deixaste as chaves com ele. Estranhei e perguntei. Respondeste de imediato:

- Ricky, não viste que o meu primo estava a arranjar um camião? Achas que ele se ia ocupar de mais de uma coisa ao mesmo tempo? O meu primo só faz uma coisa de cada vez.

Por vezes penso que também tu eras assim. Uma coisa de cada vez. Agora isto, depois aquilo. Não misturar. Talvez os génios como tu sejam assim: concentram-se em apenas uma coisa, empenham-se e colocam aí todo o seu talento e depois sai a obra-de-arte. Diferente, inovadora, a rasgar horizonte, como tu fizeste em disco dezena e meia de vezes, em palco várias centenas. Com tempo. Até a maré encher.

É isto. Como tu começavas tantas vezes cada frase para explicares aquilo que te ia na alma,

nessa grande alma sem inclinação para o mal, dizias assim. "Basicamente..."

Imagino que hoje ainda vivo na tua casa da Feliciano Castilho. Esta noite passo eu pela churrasqueira pequena junto à estação e levo o frango e meio para nos lambuzarmos, mais o arroz e as cervejas. Até já, Amigo!